

VII Seminario Hispano-Brasileño de Investigación en Información, Documentación y Sociedad



Este trabajo está licenciado bajo la licencia [Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/).

Fonte: [http://seminariohispano-](http://seminariohispano-brasileiro.org.es/ocs/index.php/viishb/viishbucm/schedConf/presentations)

[brasileiro.org.es/ocs/index.php/viishb/viishbucm/schedConf/presentations](http://seminariohispano-brasileiro.org.es/ocs/index.php/viishb/viishbucm/schedConf/presentations). Acesso em: 22 nov. 2018.

REFERÊNCIA

MARQUES, Angelica Alves da Cunha. A organização, o tratamento e a comunicação da informação e de documentos na produção científica brasileira sobre arquivos e Arquivologia dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação In: SEMINARIO HISPANO-BRASILEÑO DE INVESTIGACIÓN EN INFORMACIÓN, DOCUMENTACIÓN Y SOCIEDAD, 7., 2018, Madrid; Murcia. **Anais eletrônicos** [...]. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Universidad de Murcia, Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: <<http://seminariohispano-brasileiro.org.es/ocs/index.php/viishb/viishbucm/paper/view/402/10>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

A organização, o tratamento e a comunicação da informação e de documentos na produção científica brasileira sobre arquivos e Arquivologia dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação

Resumo

Ao propor reflexões sobre as relações entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, este trabalho analisa as referências bibliográficas das pesquisas sobre arquivos e Arquivologia, produzidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação brasileiros, entre 1972 e 2012. Mediante uma pesquisa documental e bibliográfica, utiliza como filtros temáticos “organização”, “tratamento” e “comunicação” (e suas variações linguísticas e correspondências semânticas). As referências identificadas contemplam a classificação de documentos (seus processos e produtos); as relações dessa função com as demais funções arquivísticas (identificação, avaliação, descrição e preservação) e com a gestão de documentos, da informação e do conhecimento, bem como a sua contribuição para a epistemologia da Arquivologia; a organização de documentos e do conhecimento arquivístico; o arranjo de documentos; a organização de instituições arquivísticas e técnico-normativas; a gestão da informação, o tratamento e a organização de documentos; a epistemologia da Arquivologia; a produção e a difusão do conhecimento arquivístico; a divulgação, a disseminação e a difusão de documentos; o acesso às informações arquivísticas.

Palavras-chave: Arquivologia; Produção científica; Organização, tratamento e comunicação da informação.

1 Considerações iniciais

O estudo histórico-epistemológico da Arquivologia que realizamos há alguns anos busca compreender a formação e a configuração dessa disciplina e do arquivista nos contextos internacionais e, mais particularmente, no brasileiro (Cunha, 2003; Marques, 2007; 2011). Os arquivos, objeto de estudo da Arquivologia, são tão antigos quanto o homem. A disciplina, por sua vez, começa a ser delineada como disciplina científica no século XVI (Fonseca, 2005), quando seus primeiros manuais, advindos de observações empíricas, são publicados para formalizar conhecimentos práticos a fim de garantir a sua transmissão e difusão em maior escala.

Quatro séculos depois, a Ciência da Informação é identificada como tal em meados do século XX e, como uma metaciência, é dedicada ao estudo da informação, sem a especificidade arquivística, que é o arquivo ou o documento de arquivo (Schmidt, 2015) ou, ainda, a informação orgânica registrada (Rousseau e Couture, 1998), conforme os diferentes posicionamentos dos estudiosos da Arquivologia.

Considerando a precedência histórica e as especificidades epistemológicas da Arquivologia em relação à Ciência da Informação, entendemos que as duas disciplinas não podem ser confundidas, embora as concepções sobre as relações entre as duas disciplinas sejam diversas no cenário internacional. Na França, por exemplo, a relação direta da Ciência da Informação se dá explicitamente com a Informática, no âmbito do *Institut des sciences de l'information et de leurs interactions (INS2I)* e, da Arquivologia, implicitamente, com a História, no *Institut des sciences humaines et sociales (INSHS)* (Centre national de la recherche scientifique, 2018).

No Brasil, as relações entre a Ciência da Informação e a Arquivologia são classificadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1984), em sua Tabela de Áreas do Conhecimento (TAC), que tem a Arquivologia como uma subárea da Ciência da Informação.

No âmbito teórico-epistemológico, a diversidade de concepções acerca dessas relações entre as duas disciplinas é ainda maior, variando entre autores que têm a Arquivologia como uma parte da Ciência da Informação (Gagnon-Arguin, 1992; Silva, Ribeiro, Ramos e Real, 1999; Pinheiro, 1999; Mariz, 2004) e aqueles que reconhecem a sua autonomia ou, pelo menos, as suas singularidades (Jardim e Fonseca, 1995; Silva, 1996; Fonseca, 2005; Marques, 2007; 2011), somente para citar alguns autores das duas áreas.

Considerando os dissensos sobre as relações entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, novamente nos propomos a apresentar reflexões sobre as relações entre essas disciplinas. Nesse sentido, apresentamos alguns dos resultados da nossa pesquisa documental e bibliográfica e, especialmente sobre o mapeamento da produção científica sobre arquivos e Arquivologia nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação brasileiros.

2 Procedimentos metodológicos e referenciais teóricos

Metodologicamente, a parte da pesquisa que aqui apresentamos partiu de uma consulta ao banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em 2016, com os filtros temáticos “arquivos”, “Arquivologia” e “arquivística”, conforme proposto por Fonseca (2004). Em seguida, as teses, as dissertações e os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) levantados foram analisados e selecionados, com a identificação daqueles arquivísticos (com temas de interesse direto dos arquivos e da Arquivologia), não arquivísticos (com temas de interesse de outras áreas) e afins (de temas de interesse da Arquivologia, mas não exclusivamente). Todas as referências bibliográficas arquivísticas das pesquisas identificadas como arquivísticas na fase anterior, produzidas entre 1972 e 2012, foram mapeadas e analisadas para identificarmos os períodos, os autores, os títulos e os idiomas de publicação, considerando aquelas que agruparam pelo menos um por cento do total de ocorrências.

A fim de identificarmos quais dessas referências contemplavam a “organização”, o “tratamento” e a “comunicação” da informação e de documentos, utilizamos essas palavras (e suas variações linguísticas e correspondências semânticas) como filtros temáticos para analisarmos os resultados que aqui apresentamos.

Teoricamente, tivemos dois autores como referenciais: Michel Foucault (2005; 2008) e Pierre Bourdieu (1983; 2001). Foucault, em uma abordagem histórico-filosófica, tece suas reflexões acerca da constituição e circulação do discurso na correlação entre saber e poder. Sua abordagem comporta duas dimensões metodológicas complementares, das quais gostaríamos de destacar a primeira: 1) a *arqueologia dos saberes*, a qual delinea a forma das problematizações por meio da investigação do surgimento e da transformação dos saberes, explicitando o nível do discurso; e 2) a *genealogia*, voltada para as práticas que perpassam as relações de poder, isto é, o caráter estratégico dos discursos.

A *arqueologia do saber* nos remete a Bourdieu, que conjuga a formação histórica (*habitus*) com a formação do espaço conquistado pelas disciplinas (*campo científico*), regulado pelos movimentos do *capital científico*. Desse autor, gostaríamos de realçar os dois primeiros conceitos. O *habitus* articula o passado e o futuro ao contemplar reprodução de estruturas objetivas e objetivos de um projeto: como “transcendental histórico”, funciona como estrutura estruturada e produzida por toda uma série de aprendizagens comuns ou individuais (Bourdieu, 2001). Assim, dinamicamente, o *habitus*, funciona como elemento de coesão do grupo, alinhando e alinhando os avanços e os recuos teóricos das disciplinas ao longo do tempo, na constituição do *campo científico*.

O campo científico, por sua vez, é perpassado por uma lógica interna de funcionamento, na qual se “produz e supõe uma forma específica de interesse”, que diz respeito às práticas orientadas para a aquisição de autoridade científica (prestígio, reconhecimento, celebridade, etc). Dessa maneira, Bourdieu o concebe como um “espaço objetivo de um jogo onde compromissos científicos estão engajados” (Bourdieu, 1983, p. 123-124). Para o autor, o que está em jogo é o “poder de impor uma

definição de ciência”: a delimitação do campo dos problemas, dos métodos e das teorias científicas. Desse modo, ele afirma que o *campo científico* retoma, simultaneamente, a unidade existente na ciência e as diversas posições que as diferentes disciplinas ocupam no espaço, isto é, sua hierarquização. O que acontece no *campo* depende dessas posições e este pode ser descrito como um conjunto de campos locais (disciplinas), que têm interesses e princípios mínimos em comum.

Para Bourdieu, “Cada disciplina (como campo) é definida por um *nomos* [lógica] particular de visão e de divisão, um princípio de construção da realidade objetiva irreduzível àquele de outra disciplina” (Bourdieu, 2001, p. 103, tradução nossa). A disciplina é, assim, um campo relativamente estável e delimitado.

E é nesse sentido que compreendemos a Arquivologia como uma disciplina científica singular, diferente da Ciência da Informação e ambas compartilhando espaços no “campo da informação” (Marques, 2011).

3 Os arquivos e a Arquivologia no Brasil

A Arquivologia no Brasil é gestada, como no contexto internacional, a partir de demandas práticas voltadas para a organização de documentos produzidos, majoritariamente, pelo Estado. O Arquivo Nacional do Brasil foi criado em 1838, como “Arquivo Público do Império” e, já nos seus relatórios e regulamentos do século XIX, apresenta informações acerca da necessidade de formação do pessoal de arquivo e de criação de cursos que propiciassem essa formação.

Mesmo com várias iniciativas da instituição para a criação de cursos com este objetivo, nenhuma delas se concretiza até o final dos anos 1950 (Marques, 2007). Em 1959, Henri Boullier de Branche, arquivista francês, vem ao Brasil para ministrar alguns cursos e colaborar na organização de documentos custodiados pelo Arquivo Nacional. Ao final da sua estadia, ele apresenta um relatório técnico, no qual destaca diversas fragilidades dos arquivos brasileiros, como a necessidade de formação profissional. Segundo ele, essa fragilidade seria contornada com a oferta de cursos regulares para a formação de arquivistas (Boullier de Branche, 1975)¹. A partir da sua constatação, é criado o Curso Permanente de Arquivos (CPA) pelo Arquivo Nacional, que funciona nessa instituição de 1960 a 1977, formando especialistas e capacitando pessoal para o trabalho nos arquivos. Esse é, portanto, o primeiro curso regular para a formação de arquivistas no Brasil.

A Arquivologia no Brasil, concebida nos anos 1960 a partir do CPA, dá grandes passos no cenário brasileiro na década seguinte: em 1970, é publicado o Mensário do Arquivo Nacional (MAN), uma espécie de correio de notícias arquivísticas internacionais e nacionais; em 1971, é criada a Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB)², que realiza o I Congresso Brasileiro de Arquivologia (CBA), quando é recomendada a definição de um currículo mínimo para os cursos de Arquivologia, que têm a sua criação em nível superior aprovada, no mesmo ano, pelo Conselho Federal de

¹ A primeira edição desse relatório é de 1960.

² A AAB funcionou por 44 anos, até a sua extinção em 2015.

Educação (CFE); em 1974, é fixado o currículo mínimo e a duração para os cursos de Arquivologia em nível superior, pelo CFE; em 1976, é aprovado o quadro de professores do CPA e dos cursos avulsos do Arquivo Nacional; e, em 1977, o CPA é transferido para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ), atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com a denominação de “Curso de Arquivologia”, inaugurando a conquista de espaços universitários para os outros quinze cursos que a partir daí seriam criados em várias universidades brasileiras.

Podemos observar que oito dos dezesseis cursos de graduação em Arquivologia estão vinculados administrativamente a um departamento, faculdade ou instituto de Ciência da Informação. Também é na Ciência da Informação que grande parte dos docentes desses cursos se titulou como mestres e doutores (Marques, 2007; Oliveira, 2014).

De forma semelhante, o CNPq vincula a Arquivologia à Ciência da Informação em sua TAC, diante de um objetivo prático dessa classificação (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1984). Na grande área “Ciências Sociais Aplicadas”, a Ciência da Informação (no singular) é apresentada como uma área, subdividida em quatro subáreas: 1) Teoria da Informação (com as especialidades Teoria Geral da Informação; Processos da Comunicação; e Representação da Informação); 2) Biblioteconomia (com as especialidades Teoria da Classificação; Métodos Quantitativos, Bibliometria; Técnicas de Recuperação da Informação; e Processos de Disseminação da Informação); e 4) Arquivologia (com a especialidade Organização de Arquivos). A Arquivologia é, então, contemplada como subárea da área Ciência da Informação, ainda que posteriormente já tenha sido sugerida a sua autonomia em relação a esta disciplina, em uma nova proposta de TAC, em 2005, que não foi aprovada e, conseqüentemente, não se concretizou (Marques, 2016).

Contudo, essas relações institucionais e institucionalizadas entre as duas disciplinas (nos vínculos acadêmico-institucionais dos cursos) e na classificação do CNPq, além da titulação dos docentes dos cursos em mestrados e doutorados de Ciência da Informação, não parecem ser aspectos suficientes – histórica e epistemologicamente – para considerar a Arquivologia como uma parte da Ciência da Informação, desconsiderando a sua trajetória e a sua identidade. Assim, julgamos pertinente iniciar um estudo epistemológico, começando pela análise das obras referenciadas na produção científica sobre arquivos e Arquivologia nos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros.

4 A produção científica sobre arquivos e Arquivologia no Brasil

O mapeamento da produção científica sobre arquivos e Arquivologia e as suas referências bibliográficas já foi contemplado em várias etapas da nossa pesquisa (Marques, 2011; Marques e Marques, 2014; Donato, 2017; Moreira, 2017; Marques, 2017). No último levantamento que realizamos, identificamos 470 teses, dissertações e TCCs com esses temas, produzidas em diversos programas de pós-graduação *stricto*

sensu brasileiros, entre 1972 e 2016, predominantemente naqueles de Ciência da Informação, que abrange 45% dessa produção (Marques, 2017).

O estudo das referências bibliográficas dessas pesquisas ainda é parcial: até o momento, o fizemos das pesquisas produzidas entre 1972 e 2012, o que contempla 253 (53%) pesquisas do nosso universo, que têm 22.924 referências bibliográficas (arquivísticas, não arquivísticas e afins). Desse total, 8.963 referências eram arquivísticas (39,09%).

Dessas 253 teses, dissertações e TCCs, 125 foram produzidas em programas de pós-graduação em Ciência da Informação, ou seja, quase 50% do total analisado. Nelas, identificamos 5.148 referências arquivísticas (57% do total de referências bibliográficas identificadas como arquivísticas). Essas referências bibliográficas arquivísticas dizem respeito a obras publicadas predominantemente nas décadas de 1990 e de 2000, com 37,33% e 35,65 % do total, respectivamente. Esses resultados nos remetem a obras recentes que agregam, à teoria arquivística tradicional, desafios relacionados às tecnologias, aos suportes e aos formatos dos documentos contemporâneos.

Quanto aos autores, identificamos 1.392, dentre os quais se destacaram brasileiros (20,01%), canadenses (7,55%), norte-americanos (1,99%), portugueses (1,52%), espanhóis (1,45%) e franceses (1,37%). Dos autores brasileiros, observamos que professores/pesquisadores de cursos de Arquivologia (de graduação e de especialização) são os mais referenciados; dos canadenses, pesquisadores de Arquivologia também se destacam; dos portugueses, professores de cursos de Ciência da Informação; e dos norte-americanos e franceses, arquivistas. Temos quatro autorias institucionais, três brasileiras e uma internacional.

A predominância de autores brasileiros sinaliza a produção de obras de boa qualidade teórica no Brasil, sintonizadas aos principais avanços do pensamento arquivístico internacional, conforme já havíamos constatado nas análises anteriores (Marques e Rodrigues, 2009; Marques, 2011; Marques e Marques, 2014). A grande ocorrência de autores canadenses nos remete à relevância e à repercussão teórica da Arquivística Integrada no Brasil, proposta por esses autores, além das suas preocupações com a preservação dos documentos nos suportes contemporâneos. Desse modo, os pesquisadores brasileiros parecem acompanhar, mesmo que um pouco atrasados, a evolução das tendências históricas internacionais. A pouca ocorrência de autores australianos no nosso mapeamento nos indica o acompanhamento tardio do pensamento arquivístico internacional pelos pesquisadores brasileiros. Nos últimos anos, a Austrália tem avançado e contribuído para o desenvolvimento da teoria arquivística, sobretudo em relação aos desafios decorrentes da descontextualização da informação trazida pelos registros eletrônicos. Assim, a baixa frequência desses autores no universo pesquisado pode sinalizar algumas lacunas teóricas na Arquivologia brasileira.

Dos títulos, verificamos que cinco se destacam com mais de um por cento de ocorrências: dois de obras brasileiras (Bellotto, 2004; Camargo e Bellotto, 1996); um de obra norte-americana, traduzida para o português do Brasil (Schellenberg, 1974); um de obra canadense, traduzida para o português de Portugal (Rousseau e Couture, 1998); e um de obra portuguesa (Silva, Ribeiro, Ramos e Real, 1999).

O destaque para obras em português também se reflete no idioma predominante de todas as referências: mais de 66% das referências bibliográficas arquivísticas analisadas estavam em português (66,21%), seguidas daquelas em inglês (16,09%), em espanhol (10,84%) e em francês (5,94%).

Conforme já havíamos refletido em outras etapas da pesquisa, entendemos que a predominância de autores brasileiros parece conjugar o reconhecimento da relevância das suas obras para a Arquivologia brasileira e a comodidade da leitura em português, considerando que nem todos os pesquisadores têm acesso a outros idiomas. Evidentemente, a circulação dessas obras em programas de pós-graduação corrobora a sua relevância para a pesquisa, imprescindível para os avanços da área (Marques, 2011).

Ao refinarmos nossos filtros temáticos e utilizarmos as palavras “organização”, “tratamento” e “comunicação” (e suas variações linguísticas e correspondências semânticas), chegamos a 152 referências bibliográficas. Desse total, 109 (71,71%) referências foram recuperadas com a palavra “organização”; 31 (20,39%) com a palavra “tratamento” e dez com “comunicação” (6,57%). Uma referência (0,65%) contemplava simultaneamente as duas primeiras palavras e outra referência (0,65%), as três palavras. As referências bibliográficas recuperadas com as palavras “organização” e “tratamento” contemplam a classificação de documentos (seus processos e produtos); as relações dessa função com as demais funções arquivísticas (identificação, avaliação, descrição e preservação) e com a gestão de documentos, da informação e do conhecimento, bem como a sua contribuição para a epistemologia da Arquivologia; a organização de documentos e do conhecimento arquivístico; o arranjo de documentos; e a organização de instituições arquivísticas e técnico-normativas; a gestão da informação, o tratamento e a organização de documentos, e a epistemologia da Arquivologia. As obras identificadas com a palavra “comunicação”, por sua vez, remetem à produção e à difusão do conhecimento arquivístico; à divulgação, à disseminação e à difusão de documentos (de políticas nesse sentido, inclusive); ao acesso às informações arquivísticas; e, novamente, a questões relacionadas à epistemologia da Arquivologia.

4 Considerações finais

Até o momento, temos evidentes vínculos institucionais e institucionalizados entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, nas universidades e nas agências brasileiras de fomento à pesquisa. Temos, também, pistas das relações epistemológicas entre elas, uma vez que a Ciência da Informação dedica-se ao estudo da informação de forma ampla e, a Arquivologia, ao estudo do documento de arquivo, de forma mais específica.

Os resultados mais gerais ratificam as peculiaridades científicas da Arquivologia, com muitas referências a obras sobre os seus fundamentos, a sua terminologia e a organização de arquivos, seu objeto de estudo. Das cinco obras mais citadas, somente uma situa a Arquivologia como uma parte da Ciência da Informação (Silva, Ribeiro, Ramos e Real 1999). Os autores mais referenciados são pesquisadores e professores de Arquivologia ou arquivistas.

Um número significativo de pesquisas sobre arquivos e Arquivologia (253), referenciando obras arquivísticas de pesquisadores, professores e arquivistas, parece representar não somente a acumulação de capital científico, como a estruturação e o funcionamento de um campo específico: a Arquivologia como disciplina científica, com história, fundamentos teóricos e epistemológicos, mas ainda carente de reconhecimento de espaços institucionais que lhe dêem voz no Brasil.

Os resultados mais específicos contemplam referências bibliográficas em torno da organização, do tratamento e da comunicação da informação e de documentos que nos remetem tanto às especificidades epistemológicas, teóricas e metodológicas arquivísticas (os processos, os produtos e as relações da classificação com outras funções arquivísticas; a organização de documentos, do conhecimento e de instituições arquivísticas) como às interseções entre a Arquivologia e outras disciplinas, como a Ciência da Informação (gestão da informação e do conhecimento, principalmente). Já as referências bibliográficas recuperadas em torno da comunicação da informação e de documentos relacionam-se a questões mais particulares dos arquivos e da Arquivologia.

Entre especificidades e interfaces, as disciplinas se encontram, dialogam, disputam espaços e recursos e constroem alianças nos processos de gênese, organização, comunicação e disponibilização da informação, no âmbito do que denominamos “campo da informação”. Contudo, reiteramos o nosso posicionamento acerca da identidade científica das disciplinas: esses (des)encontros, diálogos, disputas e alianças não podem sobrepor as duas disciplinas, tampouco submeter a identidade da Arquivologia à Ciência da Informação, ignorando os seus percursos históricos distintos.

5 Referências Bibliográficas

Bellotto, H. L. (2004), *Arquivos permanentes: tratamento documental*, 2 ed., FGV, Rio de Janeiro.

Boullier de Branche, H. (1975), *Relatório sobre o Arquivo Nacional do Brasil*, 2 ed.,: Ministério da Justiça e Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

Bourdieu, P. (1983), “O campo científico”, in R. Ortiz, *Pierre Bourdieu: sociologia. Ática*, São Paulo, pp 122-155.

Bourdieu, P. (2001), *Science de la science et réflexivité: Cours du Collège de France 2000-2001*, Raisons d’agir, Paris.

Camargo, A. M. de A. and Bellotto, H. L. (1996), *Dicionário de Terminologia Arquivística*, Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, São Paulo.

Centre national de la recherche scientifique. (2018), “*Présentation*”, disponível em: <http://www.cnrs.fr/fr/organisme/presentation.htm> (acesso em 08 outubro 2018).

Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (1984), *Áreas do Conhecimento: Classificação*, CNPq, Brasília.

Cunha, A. A. da (2003), “A pesquisa em Arquivística no Brasil: um estudo da produção científica nos programas de pós-graduação e de iniciação científica e do papel das agências financiadoras”, 9 ed., in *Congresso de Iniciação Científica da UnB*, UnB Brasília.

Donato, J. A. (2017), “Mapeamento de referências bibliográficas arquivísticas em dissertações e teses com temáticas na área (2012)”, 23 ed, in *Congresso de Iniciação Científica da UnB*, UnB Brasília.

Fonseca, M. O. (2005), *Arquivologia e ciência da informação*, FGV, Rio de Janeiro.

Foucault, M. (2005), *A arqueologia do saber*, 7 ed., Forense Universitária, Rio de Janeiro.

Foucault, M. (2008), *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*, 16 ed., Loyola, São Paulo.

Gagnon-Arguin, L. (1992), *L'Archivistique: son histoire, ses acteurs depuis 1960*, Presses Universitaires du Québec, Québec.

Jardim, J. M. and Fonseca, M. O. (1995), “As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação”, *INFORMARE*, vol. 1, n. 1, pp. 41-50.

Mariz, A. C. A. (2004), “Relações interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da Informação”, *Cenário Arquivístico*, vol. 3, n. 1, pp. 29-36.

Marques, A. A. da C. (2007), *Os Espaços e os Diálogos da Formação e Configuração da Arquivística como Disciplina no Brasil*, Universidade de Brasília, Brasília.

Marques, A. A. da C. (2011), *Interloquções entre a Arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil*, Universidade de Brasília, Brasília.

Marques, A. A. da C. (2016), “Arquivologia e Ciência da Informação: de mãos dadas?” *Informação & Sociedade (UFPB. Online)*, vol. 26, pp. 169-184.

Marques, A. A. da C. (2017), “A investigação científica em Arquivologia e a sua busca de identidade”, *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, vol. 12, pp. 77-89.

Marques, A. A. da C. and Rodrigues, Georgete Medleg. (2009), “A Arquivística nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB's): análise preliminar da influência do pensamento arquivístico internacional”, in *ENANCIB*, 10ª ed., UFPB, João Pessoa.

Marques, A. A. da C. and Marques, M. S. (2014), “A produção científica arquivística na Ciência da Informação: estudo das suas referências”, in *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 15ª ed., UFMG, Belo Horizonte.

Moreira, V. L. S. (2017), “Mapeamento de referências bibliográficas arquivísticas em dissertações e teses com temáticas na área (2009-2010)”, in *Congresso de Iniciação Científica da UnB*, 23ª ed., UnB, Brasília.

Oliveira, F. H. de. (2014), *A formação em Arquivologia nas universidades brasileiras: objetivos comuns e realidades particulares*, Universidade de Brasília, Brasília.

Pinheiro, L. V. R. (1999), “Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes”, in L. V. R. Pinheiro (org.), *Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade* IBICT/DDI/DEP, Brasília/Rio de Janeiro, pp. 155-182).

Rousseau, J.-Y. and Couture, C. (1998), *Os fundamentos da disciplina arquivística*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

Schellenberg, T. R. (1974), *Documentos públicos e privados: arranjo e descrição*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

Schmidt, C. M. dos S. (2015), *A construção do objeto científico na trajetória histórico-epistemológica da Arquivologia*, ARQ-SP, São Paulo.

Silva, A. M. da, Ribeiro, F., Ramos, J. and Real, M. (1999), *Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação*, Afrontamento, Porto.

Silva, J. G. e. (1996). *Socialização da informação arquivística: a viabilidade do enfoque participativo na transferência da informação*, Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro.